

CORAÇÕES EM VIGILIA

- Episódio dramático de Roberto Lis.-

¶ Característica musical)

SPEAKER : - Roberto Lis e seus artistas apresentam:

(Característica)

CORAÇÕES EM VIGILIA!.....

(Característica)

É a seguinte a distribuição do 1º Capítulo de Corações em vigília:

Lisie.....Lília Maria.
Antoinette.....Antonieta Cidade.
Margot.....Carmen de Alencar.
Claudette.....Branca Margarita.
Lilá.....Liney de Andrade.
Luciene.....
Dr. Jean.....Roberto Lis.
Padre.....Claudio Real.
Henri.....Sales Coelho.
Marcel.....Aiglon Simas.
Um feridoCarlos Moré.
Uma voz.....Edmundo Lis.

Bucanizado de Studio Emilio Belk

SPEAKER : - Numa pequena aldeia de um dos países beligerantes, num velho casarão colonial hoje transformado em Hospital de sangue, o dr. Jean Colbert auxiliado por um punhado de moças da localidade, que o desejo de servir a Deus e a Pátria transformou em abnegadas Samaritanas, presta diariamente assistência e conforto aos pobres soldados feridos que aos poucos vêm chegando, ensanguentados, dos campos de batalha mais próximos. Neste momento vamos surpreender as samaritanas todas no Gabinete do dr. Jean Colbert que as fez reunir ali para diversas deliberações que pretende tomar em face dos trágicos acontecimentos que a situação deixa prever. Ele ainda não chegou e elas, enquanto esperam, não podendo conter a curiosidade que a convocação daquela reunião inesperada provoca nos seus espíritos, assediam a Samaritana Chefe - Mademoiselle Lisie Dorraine - com inúmeras perguntas e os mais desencontrados palpites. São cinco horas de uma tarde cor de chumbo, pesada como a inquietação que domina aqueles corações.

(Batem cinco horas espaçadas e a seguir uma algazarra de muitas vozes femininas falando ao mesmo tempo).

Lisie - Não sei nada. Sei apenas que ele quer falar conosco.
Antonieta - Não seja má, Lisie. Você deve saber. Diga, diga.
Lisie - Não sei, juro que não sei.

- Claudete - Sabe sim. Você não quer é dizer. Conte, não seja assim.
- Lisie - (rindo) Mas como é que você quer que eu conte uma coisa que eu não sei, Claudete?
- Margot - É inutil insistir. Conheço bem minha irmã. Ela não dirá uma unica palavra.
- Antoniete - Lisie é o tumulto dos segredos. Estamos malhando em ferro frio.
- Lisie - Dentro de alguns instantes a curiosidade de vocês será satisfeita. O dr. Jean Colbert nao deve demorar.
- Claudete - Ele marcou cinco horas e as cinco horas já se foram.
- Lisie - Para um homem ocupado como ele não se pôde levar em conta um atraso de poucos minutos. Vocês verão como não tardará.
- Margot - Eu tenho a impressão de que ele nos vai fazer tragicas revelações.
- Lisie - Para que antecipar julgamentos? O que for soará.
- Antoniete - Soará para nós porque para você já soou desde o momento em que ele convocou esta reunião. Tenho a certeza de que ele já disse a você tim tim por timentim.
- Lisie - Como você é desconfiada, Anteanete. Não acredita então no que eu digo?
- Anteanete - Acredito em você mas sei perfeitamente como você é. Basta que o dr. Colbert lhe-tenha dito para não falar nada às "meninas" para que você sustente até o fim que nada sabe.
- Lilá - Vocês me permitem um aparte?
- Lisie - Pode falar, Lilá.
- Lilá - Eu tenho a impressão que o dr. Jean Colbert vai nos participar o seu noivado. O que diz você Luciene?
- Luciene - Esta é também á minha opinião.
- Lisie - (preocupada) O seu noivado? Porque pensam assim? Sabem de alguma coisa? Nunca ouvi dizer que o dr. Jean Colbert tivesse namorada alguma.
- Margot - Isso não quer dizer nada, maninha. Às vezes, de onde nada se espera é de onde tudo nos vem.
- Lisie - Não, mas...não pôde ser. Não acredito. Exatamente agora, numa situação destas...é tão pouco o tempo que dispõe para tratar dos seus feitiços...não, não acredito. Não pôde ser...
- Claudete - É verdade que nunca ouviaste dizer que o dr. Colbert tivesse qualquer namorada?
- Lisie - Nunca. Nunca ouvi.
- Claudete - (significativamente) Lisie!
- Lisie - Juro, Claudete. Nunca.
- Lilá - Pois olha: eu já ouvi.
- Anteanete - Eu também.
- Luciene - Eu também.
- Claudete - Todas ouvimos.

- Margot - É que os de casa são os últimos a saber, sempre foi assim.
- Lisie - (assombrada) Margot! Tu, minha irmã?
- Margot - (rápida) Eu não, tu. (gargalhadas geral e cacoadas. Ruído de uma porta que se abre e um repentino silêncio)
- Dr. Jean - Boa tarde, senhoritas. (todas respondem) Peço desculpas do atraso.
- Lisie - Não tem importancia, doutor. Todas nós sabemos dos seus muitos afazeres. E depois os poucos minutos de espera serviram de descanso para essas meninas. Elas tem trabalhado tanto ultimamente.
- Dr. Jean - Realmente...e por infelicidade nossa o serviço tende aumentar em cada dia que passa.
- Margot - Trabalhar sob a sua direção é um prazer, dr. Colbert.
- Dr. Jean - Muito obrigado, mademoiselle Margot. Mas sentem-se por favor. (Ruído de cadeiras. Pausa) Eu solicitei á Mademoiselle Lisie que me fizesse reunir aqui no meu gabinete por ter importantissimas e communicações a fazer-lhes. Infelizmente as noticias são tristes para não se dizer trágicas. Fui chamado ao quartel da Região dos patriotas e informado pelo seu comandante que a nossa vila cairá em poder dos inimigos talvez ainda esta noite. (um oh de espanto de todas seguidos de exclamações de pesar etc.) Pretendem ele que saíssemos todos deixando vasias e abandonadas todas as casas da localidade. A população está sendo avisada agora e dentro de alguns instantes deverá começar o exodo. Eu tenho, entretanto, n neste hospital aos meus cuidados umas duas dezenas de feridos que não poderão de forma alguma ser removidos daqui. Não poderei também abandona-los. Ficarei. Não desejo entretanto, que o meu gesto influia na deliberação que deverão tomar. É certo que sozinho não poderei atender a todos os infelizes que ficaram a meu cuidado mas não seria lícito também que as prendesse agostivamente aqui a ao meu lado quando talvez amanhã já seremos prisioneiros de um inimigo cruel que não tem poupado nem mesmo as igrejas ou os hospitais. Assim, dou a todas a liberdade de voltarem as suas casas e acompanharem as suas familias para onde quer que se retirem. De qualquer forma não quero deixar de externar o meu agradecimento a todas pela esplendida colaboração que emprestaram á minha tarefa de amparar e dar conforto aqueles que tomaram no campo da luta em defesa da Patria e do ideal. (pausa longa) (silêncio absoluto.)
- Lisie - Dr. Jean Colbert eu devo dizer-lhe que a minha deliberação está tomada. (pausa) (com voz grave) Eu também ficarei.
- Dr. Jean - Mademoiselle Lisie, eu admiro a sua coragem mas quero que não esqueça que o inimigo tem se mostrado de uma crueldade absoluta em todos os lugares por onde tem passado. Nem mesmo os conventos tem merecido qualquer consideração. Reflita pois na gravidade extrema da situação e no perigo a que se expõe.
- Lisie - Já pensei em tudo Dr.
- Dr. Jean - E mesmo assim ficará?
- Lisie - Mesmo assim ficarei.
- Margot - Dr. Colbert, eu também ficarei com minha irmã. Peço-lhe apenas que conceda-me a dispensa de uma hora para chegar até em casa a fim de me despedir de mãe e meus irmãos e comunicar-lhes a nossa resolução de permanecer em nosso posto.
- Dr. Jean - Perfeitamente, mademoiselle Margot, está dispensada. Felicito-a pela sua coragem.
- Margot

- Margot - Com licença então. Voltarei dentro de uma hora.
- Dr. Jean - Pode ir. (passos que se afastam)
- Antoanete - Dr. Eu também quero ficar.
- Dr. Jean - Perfeitamente.
- Claudete - Pode contar comigo, Dr. Colbert. Eu também ficarei.
- Lilá - Eu também.
- Antoanete - Ficaremos todas.
- Dr. Jean - Muito bem e eu agradeço a todas. E felicito-me, ao mesmo tempo, por ter encontrado tão abnegadas e valorosas auxiliares. Agora, antes que voltem aos seus postos eu desejo fazer-lhes algumas recomendações que considero absolutamente necessárias. É preciso que todas se revistam do máximo sangue frio, da máxima cautela ao serem interrogadas pelo inimigo e que falem o menos possível. Sejam polidas mas absolutamente reservadas. Qualquer palavra além do necessário poderá servir de informe ao inimigo e teríamos involuntariamente traído a nossa própria Pátria. E viemos a ter certamente entre nós outros feridos que não terão o mesmo sangue que nós. Aqui serão apenas feridos. Serão apenas ~~inimigos~~ ~~criaturas~~ ~~que sofrem e que talvez tivessem lutado contra os nossos irmãos por que lhes puzeram na mão um fuzil ou uma baloneta. Todos serão tratados igualmente. Mais uma vez enalteço a dedicação e a coragem de todas e confio em Deus que não ha de nos desamparar. (ruído de uma porta que se abre e uma voz que fala distante do microfone)~~ ~~criaturas~~ ~~que sofrem e que talvez tivessem lutado contra os nossos irmãos por que lhes puzeram na mão um fuzil ou uma baloneta. Todos serão tratados igualmente. Mais uma vez enalteço a dedicação e a coragem de todas e confio em Deus que não ha de nos desamparar. (ruído de uma porta que se abre e uma voz que fala distante do microfone)~~

- Padre - Dá-me licença doutor.
- Jean - Pode entrar padre Jaques. (passos que se aproximam) Que novas ha?
- Padre - Gravíssimas, infelizmente. E foram elas que me trouxeram aqui.
- Jean - Refere-se á retirada das tropas de defesa da vila?
- Padre - Exatamente. Uma covardia sem nome. Abandonar a vila sem lutar. Entregá-la ao inimigo para que a destrua pelo fogo como tem feito com tantas outras. Porque?
- Jean - Porque seria inútil lutar. Porque o inimigo é imensamente superior em numero e armamento e seria impossível contê-lo.
- Padre - Era este, a meu ver, o dever dos nossos soldados. Permaneceram firmes no seu posto. Sacrificaram as suas vidas si necessário fosse. Lutar, lutar sempre, lutar até o fim. Defender palmo a palmo a terra que é sua e que ninguém tem o direito de usurpar.
- Jean - Seria um sacrificio inutil, padre Jaques. Elas morreriam todas e a patria nada lucraria com isso. E elas poderão ser muito mais uteis a Ela retirando-se para um ponto de defesa melhor onde possam conter o avanço do inimigo até receber o reforço que já vem em caminho. Ficará apenas um pequeno contingente que oferecerá combate aos atacantes afim de retardar o avanço do inimigo e cobrir a retirada dos nossos homens.
- Padre - Dizem que eles já veem perto e que deverão atacar a vila durante a noite.
- Jean - É o que todos esperamos.
- Padre - A quais as providencias que tomou para retirar os feridos? Vim aqui exatamente com o intuito de ajuda-lo.

Jean - Os feridos não podem ser retirados, padre Jaques. Eles não resistirão uma viagem no estado em que estão.

Padre - E quem cuidará deles então?

Jean - Nós. Eu e as samaritanas.

Padre - Como? Ficarão todas aqui?

Lisie - Sim, padre Jaques, ficaremos todas aqui.

Antoanete - Aqui é que é o nosso lugar.

Padre - Mas sabem bem o perigo a que se expõem? O inimigo é cruel.

Lisie - Sabemos o nosso dever e é o quanto basta.

Padre - Muito bem, hei de pedir á Deus que as abençoe.

Jean - E o sr. Padre Jaques quando parte?

Padre - Quando parto? Foi isso o que o doutor me perguntou?

Jean - Sim.

Padre - Engana-se doutor. Eu não penso em partir. Eu também sei cumprir o meu dever. Ficarei aqui para amparar estas heroínas e para fechar os olhos dos pobres moribundos que gemem nos seus leitos de morte. Eles precisam de mim e talvez o venham a precisar também os outros, aqueles que aqui vierem sem que ninguém os chamasse! (Ruído de porta e passos).

Margot - Pronto dr. já fiz as minhas despedidas. Estou ás suas ordens. Mamãe pede-lhe que permita a Lisie levar-lhe também o seu beijo de despedida. Eles estão com o carro pronto e devem partir dentro de alguns minutos.

Jean - Naturalmente que sim. Não só Lisie como todas as outras que o desejarem poderão chegar ás suas casas para despedirem-se dos seus.

Lisie - Obrigada, Doutor. Neste caso devemos apressar-nos. O tempo passa.

Padre - Um momento, Mademoiselle Lisie. Um momento todas. (um sino começa a tocar a Ave Maria) Talvez seja esta a ultima vez em que escutaremos todos reunidos o badalar das Ave Maria, talvez mesmo seja esta a ultima vez em que da torre da nossa modesta igrejinha esse toque expressivo e doce se fará sentir. O inimigo não tem poupado nem mesmo as grandes catedrais. Aproveitemos, pois, este momento que talvez não mais se repita para nós, afim de fazermos chegar ao céu a nossa prece. (pausa em que o sino continua a badalar é distancia) Ajoelhem-nos. (ruído de ajoelhar. nova pausa) Ave Maria - doce mãe dos pecadores...

Todos Ave Maria, doce mãe dos pecadores.

Padre - Farol refugio dos imensos mares (todos respondem a frase) Consolo de tristezas e pezares (idem) Lenitivo sem pará das nossas dores. (idem) Ave Maria estrela de bonança, (idem) Serenissima mãe do bom pastor (idem) Renova as nossas mortas esperanças (idem) Com teu divino olhar, com teu amor! (idem) Ave Maria, amparo dos aflitos (idem) Mãe de Jesus a nossa mãe também. (idem) que o teu amor acalme os nossos gritos (idem) em nome do Senhor, pra sempre Amen! (idem) (ouve-se após uma pausa de absoluto silencio, as duas ou tres badaladas do sino distante e após outra pausa sôa o Gongo)

(GONGO)

SPEAKER : É uma hora depois dos acontecimentos que acabam de se desenrolar, vamos encontrar o Dr. Jean Colbert no pequeno laboratorio do Hospital, preparando algumas poções com que possa minorar o sofrimento dos

- seus dentes. Da janela, cuja vista se estende pelo campo, avista-se a silhueta de algumas casas distantes, que a noite próxima ainda não conseguiu envolver no seu manto de mistério. Tudo é frio e deserto como deserto e frio são todos aqueles corações em vigília que escondidas apenas na compreensão absoluta do cumprimento de um dever, aguardam, olhos de uma angústia e uma incerteza que se esforçam em esconder, as dolorosas surpresas que o inimigo lhes poderá trazer nas azas misteriosas daquela noite sem estrelas...

(ouve-se um solo de violino com acompanhamento de órgão tocados à distância e próximas ao microfone ruídos de vidros, líquidos que se derramam e outros pequenos ruídos semelhantes aos que se escutam num laboratório. Porta que se abre.)

Lisio - (à distância) Há licença, doutor?

Jean - Entre mademoiselle Lisio. (passos que se aproximam) O que é que há?

Lisio - É o ferido do leito 14 da segunda enfermaria, doutor.

Jean - O que tem ele?

Lisio - Continua agitado. Já fiz duas injeções que o sr. mandou. Ele se acalma por momentos mas a crise volta sempre com maior reatitudencia. Não sei se deva continuar fazendo as injeções... Acho o pulso muito fraco.

Jean - Irei vê-lo em seguida. Já estão quasi prontos as poções.

Lisio - Perfeitamente, dr. (passos que se afastam)

Jean - Mademoiselle Lisio... (os passos param)

Lisio - (a pouca distancia) Doutor...

Jean - Que musica é esta que desde a pouco estou ouvindo?

Lisio - É o ferido do leito quatro da primeira enfermaria que está nos seus ultimos momentos de vida. Escoujou ouvir o violino da sua noiva e o padre Jacques prometeu-lhe que a mandaria buscar para que o tocasse. Margot está substituindo a sua prometida,, acompanhada ao órgão, pelo proprio padre Jacques. Se o dr. pudesse ver a expressão de felicidade que lhe inunda o rosto descorado! Pensa mesmo que é ela que está tocando. Acreditou inteiramente na piedosa mentira do sacerdote.

Jean - Chitado! É melhor assim. Morrerá mais feliz.

Lisio - Que coisa horrivel é a guerra! De aquelles que se preparam salões de conforto dos seus gabinetes luxuosos e fossem servir num campo de batalha ou nas salas de um hospital, talvez se tornassem mais humanas e menos ambiciosos.

Jean - Realmente. É isto mesmo. (pausa) Que horas são, mademoiselle Lisio?

Lisio - Quasi este e mais, doutor.

Jean - Tem custado a passar as horas hoje. Não sei porque.

Lisio - Eu compreendo. É a nossa ansiedade pelo dia de amanhã.

Jean - Diga-me: como estão as meninas? estão muito nervosas?

Lisio - Um pouco, sim... é natural. Nada sabem do que possa acontecer.

Jean - Ha momentos em que penso que fiz mal em estar deixando ficar aqui. É um sacrificio que eu talvez não devesse aceitar.

Lisio - Não diga sacrificio dr. Colbert. A palavra dever, neste caso, não deve ser substituida por qualquer outra. Todas estamos conscientes da obrigação e cumprir e a sua recusa não nos demonstraria do nosso intento. Esta-

- Hay una que são gordo e pazun mais que o remorso.
- Margot - Deixe isso por alguns instantes, Henri e traga-me da côpa um pouco de agua fervendo numa chaleira pequena.
- Henri - Tá bem, madomasele eu vô. (resmungando e se afastando) Depois é isso tô vistindo um difunto mandum pará pra fazê otra coisa, vô vê a otra coisa é visti otro difunto. Essa vida é um cansaço. Oh vida margada! (passos)
- Margot - (suavemente após uma pausa) Marcel, você está dormindo meu querido?
- Marcel - (despertando) O que foi? Ah é você meu amor? Que horas são?
- Margot - Pouco mais de oito horas. Deixe-me tomar a sua temperatura.
- Marcel - Neste momento deve estar mais elevada. Basta que você se aproxime.
- Margot - Neste caso eu me afasto.
- Marcel - Não faça isto. Você bem sabe que a quero bem pertinho de mim. Muito p pertinho. Assim. De-me as suas mãos.
- Margot - Como se sente, querido?
- Marcel - Agora melhor do que nunca. Devo-lhe a minha vida, Margot.
- Margot - Oh por favor, não diga isso. Deve a sua vida a proteção divina e á competencia do Dr. Jean Colbert.
- Marcel - E ao seu carinho mais do que tudo isto, afirmo-lhe. (pausa) Afianço-lhe que se não fosse a Pátria precisar de mim nunca mais sairia de perto de você. Mas preciso voltar para o campo da luta.
- Margot - Dentro de poucos dias estará completamente bem...(com profunda magoa) Mas sabe Deus se poderá voltar!
- Marcel - Porque diz isto? Porque receia que não possa voltar?
- Margot - (despietando) Não....não é nada...por nada....é que nada se sabe do q dia de amanhã.
- Marcel - Você se parece temerosa, Margot. O que é que se passa? Diga.
- Margot - Nada Marcel. Estou apenas um pouco nervosa hoje. Mas não ha de ser nada. Cansaço, com certeza. Mas isto passará. Amanhã hei de estar melhor.
- Marcel - Vocês tem trabalhado demais. Sem descanso. Heroínas incomparáveis. Continuadoras da obra admiravel de Edith Cavell. Deus ha de recompensar tanta bondade e tamanho altruismo! Se não fossem vocês o que seria de nós!
- Margot - Não fales tanto, meu querido, podes ficar cansado. Cobee tuas mãos. A noite está fria.
- Marcel - Da-me um batiço um beijo.
- Margot - Bem sabes que não deves.
- Marcel - É, o melhor dos remedios que me podes oferecer.
- Margot - Bem...(ruído de beijo) Ah! está.
- Marcel - Mais um.
- Margot - Remedio de mais faiz mal.
- Marcel - Só mais um. É tão comun dar-se o remedio em dose dupla.

- Margot - Está bem, seja. (ruído de beijo) Agora vamos tirar o termómetro. (pausa) 37 e 2. Estes dois já foram consequência dos dois beijos. Agora cubra-se bem e procure dormir. Assim.
- Marcel - Beije-me os olhos e eu dormirei em seguida.
- Margot - Quero ver. (ruído de dois beijos destacados)
- Henri - Oh! Si isso é todo o dia eu também quiria sê firido.
- Margot - Oh, Henri, você estava aí?
- Henri - Tava madomaselle. Quê dizê...cheguei agorinha mesmo.
- Margot - O que é que você tinha dito?
- Henri - O que é que tinha dito? Ah. Eu disse que a água fervendo que a madomaselle pediu tá aqui.
- Margot - Muito bem, pode continuar o serviço que estava fazendo.
- Henri - A madomaselle Lisie mandô dizê pra madomaselle i lá na segunda enfermaria.
- Margot - Está muito bem, eu vou já. Você repare aí um pouco pelos doentes. Qualquer coisa vá depressa me chamar.
- Henri - Tá bem, madomasele. (resmungando) Ih eu num gosto de ficá sosinho com difunto. (Começa-se a ouvir passos sempre a mesma distancia do microfone. De vez em quando um e outro gemido debil. Os passos continuam. De repente ainda á longa distancia do microfone uns gritos alucinados. Os passos continuam e os gritos vão se aproximando aos poucos tornando-se nitidos até se aproximarem completamente do microfone)
- Perido - Não!...Não!...Não quero!...Tirem esta arma daqui!...Tirem esta espingarda daqui!... Eu não quero matar ninguém!...Eu não quero matar ninguém!...Malvados!...Malvados!...Mil vezes salvados!...Porque querem que eu os mate? Porque?... Eles não me fizeram mal nenhum!...Eu...eu não quero matar ninguém!...Não quero!...Não quero!... (roncões) (extortores que aos poucos vão diminuindo. A voz, já bastante enfraquecida) Não quero matar ninguém!... (respiração ofegante)
- Margot - (baixo) Você me chamou, Lisie?
- Lisie - (baixo) Sim querida. Eu não posso me afastar daqui agora. Queria que você verificasse se todas as janelas estão fechadas e apagasse as luzes-todas.
- Margot - Está muito bem, vou já.
- Lisie - Deixe acesas apenas as lamparinas dos corredores. (passos que se afastam. A respiração continua ofegante porem com menos intensidade) Outra injeção, doutor?
- Jean - É inutil. Já sofri demais. Deixemos que descanse para sempre. Dou por fiada a minha missão. O doente é seu agora, Padre Jaques.
- Padre - O que eu devia fazer também já o fiz. Antes que tivesse perdido a razão fiz que rezasse comigo a oração dos moribundos.
- Perido - (com voz sumida) Minha mãe...minha mãe...onde estás? Ven...ven depressa não me deixes sosinho... (extortores)
- Lisie - (baixo) Coitado...Está chamando pela mãe!
- Perido - Quero beijar as tuas mãos, mãesinha...vem...vem depressa...depressa...antes que eles me levem...
- Padre - (baixo) Ela já não enxerga mais. De-lhe as suas mãos, mademoiselle Lisie. Sorrerá contente beijando-as.

- Ferido - Mãe...mãesinha...
- Lisie - O que é, meu filho? Estou aqui. Aqui tens minhas mãos.
- Ferido - mãesinha! Minha adorada mãesinha! (com muito esforço) Eu sabia que tu vinhas! (pausa) (dois gemidos muito baixos. Silêncio absoluto.)
- Jean - Pronto. Menos um a sofrer.
- Lisie - (convidada) Morreu feliz...beijando as mãos daquela que supunha ser a sua adorada mãesinha.
- Padre - Deus me perdoe a mentira. Eu bem sei que pequei mas a intenção foi boa! (passos que se aproximam)
- Margot - Está tudo bem fechado, as luzes todas apagadas, exceto as lamparinas dos corredores.
- Lisie - Está bem, querida. Pede ao Henri, agora, que venha vestir este aqui. (passos sempre mesma distância do microfone)
- Margot - Está pronto este aí, Henri?
- Henri - Tá sim senhora. Esse num deu quagi trabalho porque é bem liviano.
- Margot - Lisie manda dizer para você ir a segunda enfermaria vestir o 14 que espirou neste instante.
- Henri - Mais um? Eu não digo? É só vesti difunto, vesti difunto, Eu não faço outra coisa. Oh vida cansada. Eu quero ver quem é que vai me vesti quando eu morrer.

(GONGOS)

SPEAKER : - É quatro horas depois dos acontecimentos que acabam de se desenrolar, naquele casarão povoado de gemidos e lamentações apenas a luz debil e bruxolenta das lamparinas iluminam, em cada uma das enfermarias, a imagem de Jesus crucificado que do fundo da parede branca oferece aos pobres soldados feridos o exemplo inigualável de sofrimento resignado. Uma sombra se arrasta, silenciosamente, ao longo de cada uma das grandes salas. São as samaritanas heróicas - verdadeiros e admiráveis exemplos de sacrifício e renúncia - velando aquele conjunto de dores e misérias. Faltava lá fora um profundo silêncio, aquele silêncio que precede sempre as furiosas tempestades. E naqueles corações em vigília vivem, minuto por minuto, a quietude daquela noite que talvez seja a última de suas vidas. Elas sabem de todos os horrores praticados pelos inimigos nas aldeias e cidades que lhes caíram nas mãos; elas sabem a que perigos se expõem, jovens e belas, diante daquela horda humana de bestas que desconhece o respeito que merecem a invalidez, a velhice e a castidade, elas sabem que para elas existe apenas o inimigo e que o inimigo deve ser sacrificado, mas a sua fé, a sua bondade, o seu estoicismo e a sua coragem pairam acima de tudo isto! Mademoiselle Lisie, serena e desassombrada, percorre silenciosa uma por uma daquelas salas onde paira a morte e a desgraça, procurando incutir no espírito de suas comandadas uma coragem maior e uma fé mais robusta. Neste momento vamos surpreendê-la na secretaria do hospital onde o Dr. Jean Colbert utilizando uma pequena lanterna de bolso procura examinar algumas radiografias dos seus feridos. Lá fora o vento começou a soprar fortemente agitando as árvores e os corações que velam em silêncio.

(Ruído de vento, Soam doze badaladas espaçadas. Novamente o vento servindo de fundo a todo o dialogo. Tic-tac de um relógio.)

Lisie - Meia noite!

Jean - Como tem custado a passar o tempo. O relógio parece que não anda.

- Lisio - E não obstante o seu tic-tac enervante não deixa um segundo de martelar-nos o cérebro.
- Jean - Se existisse um meio de apressar o tempo...
- Lisio - Não há um meio de apressá-lo mas há o de o fazer passar ~~xxxxxxxxxxxx~~ sem que se o perturbasse. Porque não vai dormir um pouco? Deve estar cansado. Tem trabalhado tanto.
- Jean - Eu estou bem. Não sinto cansaço.
- Lisio - Mas se deitasse um pouco dormiria e o tempo assim passaria mais depressa.
- Jean - Não tenho sono. E demais não poderia dormir sabendo que a qualquer momento deve irromper por aí essa horda de bárbaros.
- Lisio - Se eles ao menos respeitassem os pobres feridos...
- Jean - Receio menos pelos feridos do que pelas minhas auxiliares.
- Lisio - Não se preocupe por nós, doutor. Todas estamos aqui concolentes dos perigos a que nos expuzemos e elas nos encontrarão dispostas a tudo. De uma não há de nos desamparar. (pausa. Ouve-se apenas o tic-tac do relógio e o vento soprando lá fóra. Ouve-se o grito de uma coruja.)
- Jean - Que coisa enervante o grito desta ave.
- Lisio - Parece que vai chover. (pausa. O vento continua.) Vou dar mais uma volta pelas salas.
- Jean - Fique um pouco mais.
- Lisio - Pois não, posso ficar...é que penso que talvez os doentes possam precisar de mim.
- Jean - Ninguém neste momento precisará tanto de você como eu, Lisio.
- Lisio - (emocionadíssima) Dr. Colbert...
- Jean - Não me chame dr. Colbert. Diga apenas Jean.
- Lisio - É que...não sei si deves...
- Jean - Lisio! Nesta hora tragica e que talvez seja a ultima para nós, devemos ser acima de tudo e essencialmente sinceros. Para que ocultar aquilo que o nosso coração sente quando ele talvez amanhã tenha deixado de pulsar para todo o sempre? Ouça Lisio: eu não sei o que serão para nós as horas que estão por vir. Eu não sei se o destino permitirá que continuemos a vive-las como até aqui, lado a lado. Eu não sei mesmo si juntos ou separados poderemos ainda vive-las. De qualquer forma, porém, e antes que a morte ou a desgraça nos separem, eu quero que você saiba que a amo muito. Que a tenho amado sempre e que você tem sido para mim o grande estímulo, a grande força oculta que me tem impellido com satisfação para o cumprimento da divina missão que me foi confiada. Tem sido o seu exemplo admiravel que me tem levado a lutar sem esmorecimentos. Quando o cansaço ou o desanimo tentam apoderar-se de mim eu penso assim: Ela é mulher, é mais fraca e no entanto luta heroicamente sem se queixar. Desta minha consideração surge então o desejo de ser grande como você, confiante como você, de ser digno de você, finalmente. O meu amor nada exige de você. Eu quero apenas nesta hora, que talvez não se repita para nós, dizer o que você tem sido em minha vida. (pausa) (vento fóra. Tic-tac do relógio) Si a minha confiança lhe aborreceu...eu peço que me perdoe....
- Lisio - (emocionadíssima) Oh não, por favor...não diga isso...Também eu ha muito que lhe quero...
- Jean - (mais voz) Verdade? Isto é mesmo verdade?

- Lisie - O sr. não disse há pouco que um momento essencialmente trágico como o que estamos atravessando não comportava sinão expressões emanadas da sinceridade? É o meu coração que está falando. (grito de coruja)
- Jean - O grito da coruja! É uma advertência. Dizem que o seu grito é um prenúncio de morte.
- Lisie - Não fale em morte, por favor. Não fale em morte quando o meu coração mais deseja viver. (resoluto) E eu viverei. Nós viveremos. Juntos ou separados havemos de viver um para o outro e para o desempenho da sagrada missão que a caridade nos confiou.
- Jean - Silêncio! Preste atenção. Não escuta um ruído muito longe? (o vento parou lá fora e ouve-se apenas o tic-tac enervante do relógio).
- Lisie - É o vento, talvez.
- Jean - Não. Não é o vento, não. Escute. (ouve-se muito longe o ruído de um avião) É um avião. Veja.
- Lisie - (baixinho) Sim, parece que é.
- Jean - É melhor apagar as lamparinas. Venha comigo. (passos) Deve ser alguém na patrulha de reconhecimento.
- Lisie - Queira Deus que não despeje suas bombas sobre este hospital.
- Margot - (baixinho) Lisie! Lisie!
- Lisie - Quem é?
- Margot - Sou eu. Margot. Está ouvindo?
- Lisie - Sim. Deve ser um avião de reconhecimento. Estamos apagando as lamparinas.
- Margot - Quem está com você?
- Jean - Sou eu, Margot.
- Margot - Ah, é o dr. Jean.
- Jean - Está com medo?
- Margot - (procurando fingir) Medo eu? Não senhor... não tenho medo. Um pouquinho nervosa... é natural.
- Jean - Tenha coragem. Não há de ser nada. (ouve-se aumentar a pouco e pouco o ruído do avião). As lamparinas das enfermarias terão sido apagadas?
- Lisie - Devem ter sido. Dei instruções a todas de plantão que as apagassem ao primeiro ruído. Apagou a sua Margot?
- Margot - Já está apagada. (O avião passa próximo, roncando fortemente e o seu ruído vai se afastando deixando um rastro de angústia naqueles corações vigilantes.)
- Lisie - Passou.
- Margot - Da-me a tua mão, Lisie. Assim. Já não me sinto tão só.
- Lisie - Tens as mãos geladas, Margot. Está com medo?
- Margot - Não, não é medo. Estou nervosa.
- Jean - Acalme-se. Não há de ser nada.
- Margot - Tenho medo que te aconteça alguma coisa, Lisie. Por mim eu estaria inteiramente calma.

- Lisie - Se é isso que te preocupa não precisas ter nenhum recado. O que acontecer ha de ser para nós duas. Estamos juntas.
- Margot - Mas teremos que nos separar. Eu preciso voltar para a minha sala.
- Lisie - Sim é preciso. Mas depois de ter feito a minha ronda irei para junto de ti. E agora dá-me um beijo e volta para o teu lugar. (ruído de beijo).
- Margot - Ouve. Outra vez o ruído do avião. (aproxima-se o avião)
- Jean - Deve ser o mesmo que passou ha pouco. Vem de volta, com certeza. (Ruído se avoluma, torna-se forte e começa a diminuir como se o avião houvesse passado por cima do Hospital).
- Margot - Passou.
- Lisie - Agora vai.
- Margot - E si rezássemos antes de nos separar?
- Lisie - Se assim o desejas...Rezemos então.
- As duas - Padre Nosso que estais no céu, santificado seja o vosso nome, venha a nós o vosso reino, seja feita a vossa vontade assim na terra como no céu....(a esta altura ouve-se um tiro distante. Margot interrompe a reza para a exclamação que se segue mas Lisie prossegue no padre Nosso até o fim).
- Margot - Um tiro!...
- Lisie - O pão nosso de cada dia nos dai hoje. Perdoai as nossas dividas assim como nós perdooamos aos nosso devedores. (mais dois tiros)
- Margot - Mais dois tiros!...
- Lisie - E não nos deixeis cair em tentação mas livrai-nos do mal. Amen. (começa aqui o ruído do combate ao longe. Ouve-se o ruído de matralhada de canhões e o ranger dos aviões que cruzam a todo o instante o céu. O ruído se avoluma mas não chega nunca a se aproximar)
- Jean - Começou o combate. Eles não devem tardar.
- Lisie - Volte para a sua sala, Margot. (pausa) Está com medo?
- Margot - Medo? (procurando fingir) Medo eu? Não Lisie, eu não tenho medo. Eu voltarei para o meu lugar. (resoluta) E não precisa ter receio porque não me afastarei dali senão quando me ordenarem.
- Lisie - Muito bem. Orgulho-me de você, Margot. (passos se afastam)
- Jean - Sobre creança. Bem me parecia que havia feito mal em aceitar que ficassem.
- Lisie - Não se preocupe, dr. É a primeira impressão. Dentro de poucos momentos mais já estará acostumada. É bom que visitemos as enfermarias.
- Jean - Vamos. (passos sempre a mesma distancia do microfone)
- Lisie - A nossa presença ha de animar um pouco mais as pobres moças.
- Jean - Certamente que sim.
- Lisie - Vejamos aqui a primeira enfermaria. (chamando baixinho) Anteanete!
- Anteanete - Fronta, mademoiselle Lisie.
- Lisie - Está tudo bem?
- Anteanete - Tudo perfeitamente em ordem.

Lisic - E você como se sente?

Antoanete - Perfeitamente calma e confiante.

Lisic - Muito bem. Vamos então à terceira enfermaria. Na segunda está Margot. Não há necessidade de passar por ela. (proseguem andando. O combate continua sempre)

Jean - Tenho a impressão de que o inimigo está avançando. Repare como estão muito mais próximos os tiros.

Lisic - A resistência não pode ser longa. Segundo fui informada ficaram pouco mais de cem homens para oferecer combate a dois mil! (pausa em se se houverem os passos e o combate ao longe) Esta aqui é a terceira. (chamando) Lillá! Lillá!

Lillá - Pronto, mademoiselle Lisic.

Lisic - Tudo em ordem?

Lillá - Perfeitamente em ordem.

Lisic - E você como se sente?

Lillá - Inteiramente tranquila.

Lisic - Arrepende-se de ter ficado?

Lillá - Absolutamente não.

Lisic - Muito bem, vamos andando. (O ruído do combate começa a diminuir)
(há pausa e depois tiros esparsos e finalmente cessa completamente)

Jean - Parece que o combate chegou ao fim. Vai tocar a nossa vez.

Lisic - Seja o que Deus quiser. Como o hospital é um bocão afastado talvez nem se apercebam dele ainda quando tiver amanhecido.

Jean - Seria talvez melhor. Com a luz do dia os acontecimentos talvez parecessem menos trágicos.

Lisic - Vajamos a quarta enfermaria. (chamando) Claudete!

Claudete - Mademoiselle Lisic.

Lisic - O que há de novo?

Claudete - Nada, mademoiselle. Tudo bem.

Lisic - E você, como se sente?

Claudete - Sem o menor receio.

Lisic - Arrependida de ter ficado?

Claudete - Nunca! Sentir-me-ia arrependida se não cumprisse com o meu dever.

Lisic - Muito bem. Continuemos a nossa ronda. (ouve-se o rumor de automoveis que se aproximam) Agora sim, parece que é chegada a hora. (ouve-se batidas fortes numa porta distante e uma voz energética que grita: Abra!)

Voz - Abra! Vamos abra! Abra se não quer que arrebemos a porta.

Jean - Ai estão eles. (pausa) Fique aqui que eu vou abrir a porta.

Lisic - Não Jean, você não irá sozinho. Eu irei com você. (passos enquanto falam)

SPEAKER : Ouçam a continuação deste programa na próxima desta feira às mesmas horas da noite. (CARACTERÍSTICA FORTE PARA O FINAL)

1º Capitulo

orações em vigilia

Mello

"CORAÇÕES EM VIGILIA"

- Um episódio dramático de Roberto Lís que o dedica às Samaritanas de P. Alegre.-

IIº Capítulo

SPEAKER:- Antes de iniciarmos o 2º Capítulo de "Corações em Vigília" façamos uma ligeira recapitulação dos acontecimentos já desenrolados e que se resumem no seguinte:- O Dr. Jean Colbert, diretor de um hospital de sangue numa pequena vila de um dos países ocupados, tendo sido avisado que a localidade ia cair em poder dos inimigos, reuniu as Samaritanas que o auxiliavam na sublime missão de socorrer os feridos na luta, mostrando-lhes os perigos que se iam expor caso não acompanhassem as suas famílias na retirada que iam realizar para um local melhor defendido. As Samaritanas, porém, concientes do seu dever de permanecerem firmes no seu posto, recusaram-se a seguir, uma vez que os feridos não podiam ser removidos. Mademoiselle Lisie Dorraine-a Samaritana Chefe- foi a primeira a declarar que não abandonaria o Dr. Colbert a quem se sentia ligada por um grande amor que procurava esconder, não só pelo seu pudor de mulher que não tem certeza de ser correspondida como também por considerá-lo em nível social mais elevado que o seu. Seguiu-a nesse gesto de ficar, a sua irmã Margot, - a mais jovem das Samaritanas - cuja graça e beleza encantara já os olhos dos moribundos de vários feridos que haviam partido em busca de um destino melhor. E secundando o gesto de Mademoiselle Lisie e sua irmã, todas as demais Samaritanas insistiram em ficar, sabendo embora que talvez até mesmo as suas próprias vidas não mais lhes pertenceriam desde o instante em que o inimigo se apossasse daquele logarejo. E foi assim que permaneceram todas firmes nos seus postos até que o inimigo lhes foi bater brutalmente à porta do hospital, onde o comando superior das tropas invasoras estabeleceu o seu quartel. (pausa) Vamos encontra-las agora debaixo das ordens de criaturas grosseiras e odiosas, humildes e submissas, não porque lhes falte coragem de reagir mas por amor dos feridos que necessitam do seu trabalho e pelo admirável espírito de sacrifício ao cumprimento dos seus deveres. O inimigo excepcionalmente e talvez por necessitar muitíssimo dos seus trabalhos respeitou-lhes a honra e a organização e assim continuam elas trabalhando sob a orientação do Dr. Colbert, prestando indistintamente, a amigos e inimigos, o culto da sua dedicação e do seu carinho incomparáveis. São quatro horas de uma tarde cinzenta e fria em vibrante contraste com o calor que anima aqueles corações em vigília.

Capitão - Bate aí a sineta pra essa bruxa ruana vir buscar a bandeija.

Auxiliar- Pois não, capitão. (sineta) Tem aqui, um pedido de um ferido prisioneiro para ir amanhã ao cemitério visitar o túmulo de sua mãe. Diz que é aniversário da sua morte.

Capitão- Indeferido. Não dou ao inimigo qualquer direito. Nem mesmo o de comemorar datas. Bate aí a sineta outra vez pra esse estupor vir buscar essa bandeija. Eu já estou me irritando com a demora. (sineta)

Auxiliar- Tem aqui também uma comunicação do dr. setineta de que dois feridos tiveram alta.

Capitão - Dos nossos ou inimigos?

Auxiliar - Um é nosso o outro não.

Capitão - O nosso ficará em repouso alguns dias o outro entra hoje mesmo na faxina. Tem o galinheiro pra limpar e a horta pra capinar. O capim está se confundindo com as verduras. Esses relaxados parece que nunca fizeram uma faxina lá. Mas e esse diabo dessa mulher que não vem? Bate outra vez aí.

Claudete- Dá licença, Senhor?

Capitão - Ah, chegou afinal? não ouviu a campainha? Toquei duas vezes.

Claudete - Desculpe, senhor. Eu estava ocupada.

Capitão - Eu não quero saber. Não me interessa se estava ocupada. Quando eu bater a campainha devo ser logo atendido. Que isto não se repita sinão tomarei providências energicas.

Claudete - Eu estava fazendo uma injeção num ferido...

Capitão - Não quero saber de nada. E seja esta a primeira e última vez que isto aconteça. Fica avisada.

Claudete - (humilde) Sim senhor.

Capitão - E para outra vez veja se não me traz café frio.

Claudete - Estava frio o café?

Capitão - Mais do que frio. Gelado. O pão duro e a manteiga velha. Eu não admito mais isto. Devo ser mais bem tratado se quizerem que as trate bem, do contrário tomarei represálias. Fica avisada. Tomarei represálias. SE não queira saber como elas serão terríveis. Eu sou muito bom mas quando me tiram a paciência perco as medidas.

Claudete - Desculpe, sr. capitão. hei de ter cuidado para que isto não se repita

Capitão - Acho bom. Pode dar o fora e mande aqui aquele negro porco que é empregado de vocês aí.

Claudete - Sim senhor. Com licença. (passos)

Capitão - Esses estupores não sabem fazer nada direito. Qualquer dia mando passar bala nelas todas. Não pr^gam pra nada.

Auxiliar - Tem uma que é boa, capitão.

Capitão - Qual é?

Auxiliar - Aquela que fala com a gente olhando pro chão.

Capitão - Ah já sei. A puritana. Qualquer dia eu obrigo-a a falar comigo olhando pra mim. É só me dar na veneta. Elas tiveram muita sorte que eu entrei aqui num diabo bom humor, vinha com fome, me deram café, boa cama, levantei-me bem disposto no dia seguinte e deixei-as ficar ali como as encontrei. Mas não pensem elas que a vida vai ser sempre assim, não. É preciso que saiba que também tenho os meus dias de mau humor e que quando for num destes elas vão me pagar a mula roubada.

Henri - O sr. me chamou, seu capitão?

Capitão - Chamei porcoalhão, chega aqui perto.

Henri - (assustado) Chego, sim senhor--.

Capitão - Você é um indecente, não é verdade?

Henri - É sim senhor seu Capitão.

Capitão - Você é um imundo, não é verdade?

Henri - É sim senhor, seu capitão.

Capitão - Você é uma beata, não é verdade?

Henri - É sim senhor seu capitão.

Capitão - Você devia morrer, Não é verdade?

Henri - É sim senhor... (caindo em si) Não senhor, seu capitão, num diga isso. Dexe de brincado. O seu capitão é tão engraçado. (riso forçado)

Capitão - Engraçado, não é? deixar de brincado, não é? pois fica sabendo que se acontecer outra vez o que aconteceu hoje eu mando te passar a fada no peçoço.

Henri - (num friçon) Ai seu capitão, num faça assim. Eu só nelvoo e pode me

-me dá uma coisa

Capitão - Pois é, pois fica sabendo que se acontecer outra vez o que aconteceu esta manhã...

Lisie - O sr. me permite, capitão?

Capitão - O que é que quer? Não vê que estou ocupado?

Lisie - Desculpe, eu me retiro.

Capitão - Não adianta se retirar agora. De qualquer forma já me interrompeu. O que é que quer?

Lisie - Eu desejava saber o que devo fazer com os dois feridos que tiveram alta hoje.

Capitão - O nosso vai ficar ainda uns dias de repouso. O outro mande capinar a horta que está de capim que é uma vergonha.

Lisie - É um trabalho pesado para quem levantou ontem, sr. capitão. Ele terá que se baixar muitas vezes, os pontos da operação estão muito recentes e pode haver qualquer rotura.

Capitão - Não me interessa. Precisamos da cama para os outros. Um dos meus oficiais avisou que um dos seus homens feriu-se numa perna com um revólver e vai manda-lo para aqui. Daqui a pouco mais deverá chegar.

Lisie - Perfeitamente.

Henri - O senhor dá licença que eu saia, seu capitão?

Capitão - Ainda não, espere aí. Quero que você fique sabendo que não admito que os meus oficiais sejam aqui maltratados. A minha doutrina é olho por olho dente por dente. Se nos tratarem bem, serão tratados como têm sido, tratados como tem sido até hoje. Se nos tratarem mal, serão tratados pior ainda.

Lisie - Desculpe, sr. capitão, o que fez Henri, pode-se saber?

Capitão - Pode-se saber, não. Deve-se saber. A senhora precisa estar a par de tudo para evitar certas coisas. Devia cuidar melhor dos nossos interesses que são seus também. Devia evitar que nos acontecessem certas coisas.

Lisie - O que foi que aconteceu, sr. capitão?

Capitão - Este homem hoje de manhã ao preparar o banho para os meus oficiais não sei que espécie de água ele utilizou que os homens levaram duas horas a se coçar incessantemente. Era uma coceira pelo corpo todo.

Lisie - Talvez as torneiras estivessem sem água e ele tivesse utilizado a água da cacinba.

Henri - (achando uma saída) Foi, sim senhora, foi isso mesmo.

Capitão - Pois de agora em diante a senhora vai providenciar para que não falte água nas torneiras.

Lisie - Perfeitamente, sr. capitão.

Capitão - E chega. Podem dar o fora os dois.

Lisie - Com licença, sr. capitão.

Henri - Com a sua licença, senhor capitão.

Lisie - (baixo) Como foi isso, Henri? O que foi que aconteceu?

Henri - Não foi nada, não senhora, é que eu botei pó de mico e porra na água pra castigá-los danado.

Lisie - Henri, Henri! Você tenha cuidado. Veja lá que isso não aconteça outra vez. (campanha forte)

Capitão - (atendendo) Pronto. Capitão Fritz. (pausa) Como? que encrenca? Enfermeira deu uma bofetada num soldado? Ela que venha aqui imediatamente (desliga o telefone) Você já viu como estão atrevidas essas camaradas? Veja só que desaforo.

Auxiliar - Sou capaz de apostar como foi coisa do Hans. Ele anda com a mania de beijar as enfermeiras todas. (ri) Ainda ontem o surpreendi atacando aquela alta láirinha no corredor e exigindo um beijo para a deixar passar. (batidas na porta)

Capitão - Entre. (passos que se aproximam) Sente-se.

Antoanete - Obrigada. Estou bem de pé.

Capitão - (enérgico) Sente-se, estou mandando. (pausa) Foi a senhora que deu uma bofetada num dos nossos homens?

Antoanete - Sim, fui eu.

Capitão - E qual foi a razão desse seu gesto?

Antoanete - Ele tentou beijar-me.

Capitão - E só por isso deu-lhe uma bofetada?

Antoanete - Acha pouco?

Capitão - Francamente, acho que não havia motivo para maltrata-lo.

Antoanete - Porque são todos iguais.

Capitão - Recomendo-lhe que mossa as suas palavras. Advirto-lhes que não admito qualquer desrespeito a minha autoridade.

Capitão - Cale-se.

Antoanete - Não me calo. Palarei. Ainda que me matem, saiba que ei de falar. Hei de dizer tudo que sinto. O sr. não admite que desrespeitem a sua autoridade e permite, entretanto, Acha natural, até que desrespeitem o pudor de criaturas que se sujeitaram espontaneamente ao vexame de ficarem sem os seus membros e sem a sua honra e a honra do ideal para não abandonarem as suas

Capitão - Cale-se.

Antoanete - Não me calarei, já disse.

Capitão - Mandarei prende-la.

Antoanete - Faça o que quiser. Mande até matar-me. Hei de falar. A sua autoridade! Que valor tem o respeito imposto pela força? A violência pode gerar o pavor, mas nunca o respeito. Este, Adquirem-no as criaturas de caráter íntegro, as criaturas que procedem de maneira a merece-lo.

Capitão - Rudy, leve essa mulher daqui.

Antoanete - A sua autoridade! (gargalhada) Idiota! Idiota! Idiota! Idiotas todos vocês.

Capitão - Leve-a daqui, já disse.

Auxiliar - Vamos.

Antoanete - A sua autoridade (gargalhadas)

Capitão - Que seja recolhida ao campo de concentração.

Antoanete - (a uma certa distancia) Autoridade! (gargalhadas que se vão afastando) (até se perderem á distancia)

Capitão - (entre dentes furioso) Atrevida! Cachorra! Ha de ter custar caro esta ofensa.

(CONSO)

SPEAKER:- E duas horas depois, ou seja as seis horas da tarde, numa das enfermarias do hospital.

(ouve-se o toque do rancho)

Margot - Luciene! Luciene!

Luciene - oO que é Margot?

Margot - Eu preciso falar com Marcel.

Luciene - A ordem do Fritz é não deixar entrar ninguém nesta enfermaria.

Margot - Preferes então obedecer ao inimigo odioso do que servir a tua amiga?

Luciene- Si Lisie souber não irá gostar.

Margot - Fingirá não gostar porque não pode fazer outra coisa, mas si fosse ela que estivesse aqui de guarda não me negaria este favor.

Luciene - Eu não sei...

Margot - Tens medo que nos descubram. Não há perigo nenhum. Tocou o rancho agora mesmo e eles estão lá comendo como porcos famintos, nem se lembram mais nada. Ademais, eles não crêm na nossa coragem.

Luciene-Bem... entra mas não demora.

Margot - (beijo) Obrigada, Luciane. É um momentinho só. Se vires se aproximar alguém faz um sinal. Duas batidas leves na porta é o suficiente. (passos sempre a mesma distancia do microfone)

Marcel - Demoraste tanto, querida, porque?

Margot - Cuidado, fala baixo. Poderão ouvir-nos.

Marcel - Não ha perigo. Claudete já adiantou o serviço. fez uma injeção de morfina nos vizinhos não há dez minutos, talvez.

Margot - Muito bem. Não poderá sair como morto num caixão, meu amor. Andei espianando e vi que eles cravam a baioneta nos corpos antes de serem enterrados. Matarte-iam e eu morreria de tristeza.

Marcel- Então não há outra alternativa. Tem que ser a fuga durante a noite, como havíamos planejado. E será esta noite mesmo. Combinado?

Margot - Combinado. (ouve-se duas batidas na porta) Vem gente aí, finge que doímes (mais duas batidas leves) (passos que acompanham o microfone)

Lisie - Margot, o que está você fazendo aqui, Margot? Venha comigo. Preciso falar-lhe. (passos acompanhando as palavras)

Margot - Luciene não tem culpa, Lisie. Ela não queria que eu entrasse. Foi eu que insisti.

Lisie - Ambas têm culpa. Ela por não obedecer às ordens do capitão Fritz e tu por não atenderes os meus conselhos. O que é que tu andas tramando Margot? Paremos aqui. Aqui estaremos mais à vontade para conversarmos. Vamos, responde: o que é que tu andas tramando há tantos dias?

Margot - Nada, Lisie.

Lisie - Margot, responde isto olhando para os meus olhos. O que estavas tu fazendo na enfermaria que não era a tua?

Margot - Fui ver Marcel. Estava com saudades, nada mais.

Lisie - muito bem. Repete tudo isto olhando para mim.

Margot - Lisie, por favor eu te peço. Não me perguntes nada. Eu nada posso dizer. Eu sei que tu não concordarias comigo.

Lisie - Embora não concordando não deixaria de te auxiliar.

Margot - Não, Lisie, perdoa mas eu não trairei Marcel.

Lisie - Que tristeza me causam as tuas palavras, Margot. Bem sabes que por ti eu seria capaz de tudo. Tudo, ouviste bem?

Margot - Perdoa, Lisie, eu não te quia magoar. Eu contarei tudo depois. Agora devo voltar a minha enfermaria.

Lisie - Tenha cuidado, Margot. Não se exponha, por favor. Se acontecesse alguma coisa a você eu morreria.

Margot - Não se assuste, querida. Você verá como tudo há de correr bem. (beijo (passos que se afastam))

Lisie - O amor! O que faz o amor. Como transformou a pequena e medrosa menina de dezesseis anos numa mulher intrépida e destemerosa.

(GONGO)

SPEAKER:- E as dez horas da noite, no laboratório do hospital. (ruidos) (toque de silêncio à distância)

Lisie - Posso entrar, Jean? Não vou atrapalhar-lo?

Jean - Você é sempre bemvinda, Lisie.

Lisie - Venho trazer-lhe alguma coisa para você comer. Não quis jantar e não poderá ficar tantas horas assim sem se alimentar.

Jean - Prefiro não comer a sentar-me na mesa com aqueles animais.

Lisie - Venha tomar o café enquanto está quentinho.

Jean - Você é um anjo, querida (beijo)

Lisie - Estou muito preocupada, Jean.

Jean - Também eu, querida. Mas o que é que há?

Lisie - Margot está tramando alguma coisa que eu ainda não descobri o que é. Tenho receio de que lhe aconteça algo.

Jean - Margot só? Não. Todas elas estão tramando qualquer coisa. É também esta a razão da minha preocupação. Por que motivo nos teriam deixado de parte?

Lisie - Tiveram receio de que não concordássemos com a loucura que pretendem fazer. Sim, porque deve ser alguma loucura, com certeza. Estou nervosa e preocupada, Jean.

Jean - Precisamos demove-las desse intento. Serão descobertas e sabe Deus o que lhe acontecerá.

Lisie - Devemos auxilia-las, Jean. Demove-las não creio que seja mais possível ~~mas~~ Já tentei com Margot e encontrei-a irredutível. E o pior é que se negou a me revelar alguma coisa.

Jean - Claudete tem estado aqui no laboratório, furtivamente, subtraindo-me narcóticos e morfina.

Claudete - O que é que você está me dizendo, Jean?

Jean - A pura verdade, Lisie. Notei que mãos estranhas haviam lido por aqui. Simulei esquecer a chave na porta, fiquei longo tempo observando e vi quando Claudete entrou aqui enquanto Lilá ficava de guarda à porta. Depois que saírem verifiquei os frascos em que haviam mexido.

Lisie - Se assim é, farei com que Lilá me conte tudo.

Jean - Façamos uma coisa: Irei procura-la e farei com que ~~ela~~ venha cá. Sairei Sobre qualquer pretexto e a deixarei com você. Você então procurará arrancar-lhe a confissão, mostrando-lhe a necessidade que todas tem do nosso auxílio. Faça-a compreender, antes que estamos dispostos a auxilia-las.

Lisie - Muito bem, é isso mesmo. (batidas na porta)

Jean - Entre.

Claudete - Dr. Jean, necessito de algumas ampoulas de morfina. Tenho dois ^{ou} três doentes que estão muito agitados, com muitas dores e não podem dormir.

Jean - Vou prepara-las, mademoiselle Claudete. Pode procura-las daqui a pouco mais.

Claudete - Perfeitamente, doutor.

Jean - faça-me um favor, sim?

Claudete - Pois não, dr. às suas ordens.

Jean - Peça a Mademoiselle Lilá que venha aqui. Precisamos dar-lhe algumas instruções sobre um dos seus doentes.

Claudete - Pois não, vou chama-la imediatamente. (passos que se afastam)

Lisie - Adeantemos serviço, Jean. Saia antes que ela chegue e eu pretextarei qualquer motivo para desculpar a sua ausência.

Jean - Perfeitamente. Até já, então. (ela responde. Passos que se afastam)

Lisie - Queira Deus que possamos ainda salva-las. Desde a prisão de Anteanete que sinto uma opressão e uma angústia que não cessam. (batidas leves na porta) Entre.

Lilá - (aproximando-se) Claudete disse-me que o dr. Jean desejava falar-lhe

Lisie - É verdade, sim. Entretanto no momento ele foi obrigado a sair. Não demorará. Você pode esperar um pouco.

Lilá - Perfeitamente.

Lisie - Em todo o caso foi bom que tivéssemos ficado as duas sós, porque desejava muito falar-lhe, Lilá.

Lilá - Estou às suas ordens, Mademoiselle Lisie.

Lisie - Não usarei de rodeios. Irei diretamente ao assunto. Eu sei que vocês estão tramando alguma coisa. O que é não pude ainda saber mas tenho certeza absoluta que alguma coisa está sendo preparada por vocês.

Lilá - Mademoiselle...

Lisie - Oh, não tente negar. De nada adianta esse espanto fingido porque conheço muito a todas vocês. Demais Margot já me disse que há realmente alguma coisa.

- Lilá - (admirada) Margot disse isto?
- Lisie - Disse. Apenas negou-me a dizer o que era essa alguma coisa. Acreditou naturalmente, que eu fosse procurar impedi-la. Enganou-se. É não para isto que desejo estar a par do que se passa. Quero auxiliá-las.
- Lilá - Jura?
- Lisie - Não creia na minha palavra, Lilá?
- Lilá - Verdão, Mademoiselle. Creio sim.
- Lisie - Muito bem. Diga-me o que pretendem fazer para que eu possa estudar a melhor maneira de auxiliá-las.
- Lilá - (muito em segredo) Marcel fugirá esta noite e irá ^{for} com os nossos amigos a 20 quilômetros daqui. Leva-lhes todos os informes sobre ~~em~~ o inimigo e a indicação da maneira mais fácil de tornarem a se apossar da vila.
- Lisie - Marcel!... Marcel não poderá andar 20 quilômetros. Está fraquíssimo.
- Lilá - Não se preocupe. Está tudo arranjado. Ele não precisará andar ~~mais~~ mais que um quilômetro. Lá encontrará Henri com um cavalo que a este hora já foi subtraído aos nossos inimigos.
- Lisie - Mas mesmo assim cavalo Marcelo não resistirá?
- Lilá - Ele está mais forte do que você pensa. Tem fingido aquela prostração há tantos dias para fugir ao campo de concentração.
- Lisie - Mas como pensam vocês que ele poderá sair do hospital?
- Lilá - Já se arranjou uma farda do inimigo para ele.
- Lisie - Mas será reconhecido ao passar aqui na portaria ou mesmo lá no portão.
- Lilá - Já combinamos tudo. Margot marcou uma entrevista com o guarda que estará no portão a meia noite. Eu estou encarregada de levar uma taça de chocolate ao da portaria e distrai-lo até que passem ambos. Tenho receio de não ser fácil a tarefa, mas, estou disposta até deixar-me beijar, por ele.
- Lisie - Lilá, deixe essa tarefa para mim. Eu servirei a taça de chocolate ao oficial da portaria.
- Lilá - Perfeitamente, Mademoiselle.
- Lisie - Mas escute, não diga nada as outras. Ficará entre nós duas.

(GONGO)

- SPEAKER - E umas poucas antes da meia noite na Capela do Hospital.
- Claudete - Padre Jacques
- Padre - O que desejas, minha filha?
- Claudete - Preciso que me des a sua Bênção.
- Padre - Que Deus te abençoe, filha.
- Claudete - Nesse por nós, Padre Jacques. (passos que se afastam)
- Padre - Deus velará por nos todos.
- Margot - (longe, baixinho) Padre Jacques!
- Padre - Entre, quem é?
- Margot - Sou eu, padre Jacques, Margot.

2º baptismo

orações em vigília

Belm

SPEAKER. - Antes de iniciarmos este programa, façamos uma pequena recapitulação dos fatos desenrolados nos capítulos anteriores e que podem ser resumidos no seguinte: O Dr. Jean Colbert, um jovem médico e diretor de um hospital de caridade numa pequena vila de um dos países ocupados, sabendo que a localidade ia ser invadida pelo inimigo reuniu as samaritanas que o auxiliavam na tarefa de socorrer os feridos e avisou-as de que estavam todas dispensadas, afim de que pudessem acompanhar as suas famílias na retirada geral da população da vila que iria procurar refugio num ponto mais fortificado.

As Samaritanas, entretanto, embora compreendendo a gravidade da situação e o perigo que se expunham deante de um inimigo brutal e incociente persistiram em ficar ao lado dos doentes uma vez que não havia possibilidade de remove-los. O inimigo chegou e veio encontra-las, serenas e destemerosas, no cumprimento de um dever que a caridade lhes havia imposto.

Mademoiselle Margot, a mais jovem das Samaritanas, havia iniciado um romance de amor com um dos soldados feridos quando se deu a invasão.

Desejando este reunir-se aos seus companheiros para continuar a lutar pela defesa de sua patria, combinou com a sua namorada um plano de fuga com o auxilio de Claudete e Lilá. Mademoiselle Lisie-chefe das Samaritanas ali em ação e irmã de Margot- com a penetrante argúcia e intuição que a distinguia das demais, desconfiou do plano oculto das suas colegas e, com o intuito de auxilia-las, levou as suas desconfianças ao conhecimento do dr. Jean Colbert, com quem iniciara um delicioso romance de amor. E foi assim que ambos ~~reuniram-se em confissão~~, por intermedio de Lilá, a quem puzem em confissão, vieram a conhecer todos os ~~detalhes~~ detalhes do audacioso golpe que naquela mesma noite pretendiam as outras levar ~~a efeito~~ a efeito.

Confiando mais na sua propria calma e experiencia, resolveu mademoiselle Lisie tomar para si mesma a missão de Lilá que era distrair o oficial de serviço na portaria do hospital no momento em que por ali devessem sair Margot e seu namorado. Esta ultima ficara encarregada de distrair o soldado de guarda ao portão do edificio e para isto combinara com o mesmo uma entrevista a meia noite. Lisie saiu-se galhardamente do encargo que subtraira a Lilá mas o mesmo, não aconteceu a Margot que por mais que tivesse procurado distrair o guarda do prtão não conseguiu a passagem de Marcel. Vendo-se perdida, Margot empenhou-se em luta corporal com o guarda do portão, dando assim tempo a que Marcel ganhasse distancia. Quando o guarda, conseguiu dominar Margot e atirar na direção em que fugira Marcel, este já se achava a bastante distancia para ser distinguido envolvido na simplicidade da noite sem estrêlas; como resposta aos seus dois ~~primeiros~~ primeiros disparos, uma bala misteriosa prostrou-o sem vida a poucos passos ~~do portão~~ do portão. E por mais que o capitão Fritz se tivesse empenhado em que fosse encontrado o fugitivo resultaram inuteis todas as tentativas para a sua captura.

Vamos assistir agora, alguns dias depois, ao julgamento dos personagens envolvidos na fuga que ~~presenciamos~~ presenciaremos. Neste momento vamos encontrar o padre Jacques conversando com Lisie através da porta fechada que os separa, no quarto que serve de prisão à Samaritana.

(ouve-se um sinal dado na madeira da porta com muita brandura)

Lisie - É o sinal do padre Joques! Que noticias me trará ele, meu Deus! (falando mais alto) É o padre jacques?

Padre - (deve falar sempre um pouco a distancia para dar a impressão de que a sua voz é ouvida atravez de uma porta fechada) Sim, minha filha sou eu. Louvado Seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

Lisie - Para sempre seja louvado. Posso falar, meu amigo?

Padre - Sim, mas tenha cuidado. Preste sempre atenção. Quando eu der duas batidas na porta cale-se imediatamente porque alguém se aproxima.

Lisie - Estarei alerta. Que novas traz?

Padre- É hoje o julgamento.

Lisie - E qual é a sua opinião?

Padre - Não sei, minha filha! ~~Eu~~ Eu te quisera dar alguma esperança mas não devo mentir. Não tenho nenhuma.

Lisie - E Margot? padre Jaques? Tem conseguido falar com ela?

Padre - DE vez enquanto, sim, ^{fechada}através de uma porta ^{como}estamos falando agora.

Lisie - Deve estar cansada, a coitadinha,. Cansada e nevosa. Tantos dias presa. Com certeza deve estar muito magrinha.

Padre - Diz ela que não. Claudete conseguiu um meio de levar-lhe comida pelo forro. Todas as noites leva-lhe a cestinha que baixa por uma cordão, recolhendo depois a louça servida e aquilo ~~que~~ que ela não quis comer. Ela pediu a Claudete que fizesse chegar aos seus ouvidos que está muito bem de saúde, com muita coragem e que não se arrepende um só instante do que fez. Só tem pena de que voce tenha sido envolvida nisto sem ter culpa de nada.

Lisie - (Chorosa) Pobre irmã. Eu sei que diz isso tudo para me animar mas deve estar sofrendo muito. Ouça padre Jaques eu queria que o sr. fizesse chegar a ela um recado meu. (duas batidas discretas) (ruído de passos que se aproximam mas sempre ficam a uma certa distância do microfone)

Uma voz-(a distância falando forte) O que é que o sr. faz aqui?

Padre - Nada, meu amigo, Como ve aqueço-me ao sol e rezo. (passos que se afastam)

Lisie - (Baixo) Malvados! Assassinos! A justiça de Deus ha de chegar um dia! (novas batidas como da primeira) Já foi?

Padre - Foi, pode falar. O que queria ^{voce}que eu dissesse a Margot?

Lisie - Quería, padre Jacques que o sr. a convencesse de negar tudo. Q se limitasse a dizer que eu ~~havia~~ mandado ao portão levar o café para o sentinela e que foi obrigada a lutar com ele por ele ter tentado beijá-la. Que dissesse apenas isto. Fingisse ignorar tudo o mais. Si ela me promettesse proceder assim eu estaria satisfeita.

Padre - Pois bem, minha filha hei de fazer empenho de falar-lhe antes que se realize o julgamento. Em ultimo caso escreverai tudo num papel e pedirei a Claudete para que jogue do forro na hora em que estiverem almoçando.

Lisie - Isto, padre Jaques, faça isso e Deus o há de recompensar.

Padre - E agora fique serena e reze minha filha. Reze para que não lhe falte a coragem.

(GONGO)

SPEAKER: E as três horas da tarde, vamos encontrar Mademoiselle Lisie e Margot Dorraine em presença do Tribunal que as deverá julgar.

Capitão - Faltariam poucos minutos para meia noite quando ela entrou na portaria do hospital trazendo-me uma chicara de chocolate. Enquanto satisfazia-me o meu estomago distraia-me ouvindo as suas tolices e respondendo-as displicentemente. Como toda a vagabunda descarada começou a fazer-me declarações de amor. (gargalhadas deboxadas de muitos homens) Eu não estava ligando importância nenhuma, porque mulheir melhor do que ela ha por aí aos montões, que a gente chega a ter que afastar com o pé para poder passar (novas gargalhadas de homens) Em todo o caso, nem sei mesmo porque, resolvi atender as suas suplicas e retribuí os seus beijos. Mas eu nunca fui tolo e abracei-a virado para porta para evitar exatamente de ser tapeado. Tive a impressão de ver passar uma sombra branca e imaginei que pudesse ser uma das suas companheiras que estivesse espionando a nossa cena.

Para maior segurança, mesmo enquanto correspondia aos seus beijos, permaneci de olhos fixos na porta até que vi passar outra sombra esgueirando-se pela parede. Ela impediu por todos os meios que eu corresse no seu encalce o que aliás não fiz maior empenho, porque tinha certeza que o sentinela do portão não deixaria passar o fugitivo. O sentinela, porém atra-zou-se no manejo da arma e o desgraçado conseguiu ocultar-se na escuridão da noite. Tenho certeza que ele não poderá ter alcançado o destino que pretendia visto tratar-se de um ferido cujo o estado de saúde não era nada lisonjeiro. Foi isto sr. Coronel, tudo quanto se deu.

Coronel - O que tem a dizer em sua defeza?

Lisie - Absolutamente nada.

Coronel - Confessa então, que auxiliou o ferido na sua fuga?

Lisie - Confesso.

Coronel - E o que fazia sua irmã no portão do hospital aquela hora da noite?

Lisie - Levava uma chicara de café ao sentinela, cumprindo uma ordem minha.

Coronel - Com toda a certeza estava ela incumbida de distrair o soldado da mesma forma que a senhora distraia o Capitão, não é verdade?

Lisie - Não é verdade. Margot não sabia de nada. Apenas cumpria a ordem que recebera sem sequer suspeitar que ela encerrava uma intenção oculta.

Coronel - E quem atirou no sentinela? Quem o matou? sabe?

Lisie - Deve ter sido o fugitivo. Margot não estava armada nem eu tão pouco.

Coronel - E nem uma das outras tomou parte neste plano de fuga?

Lisie - Não senhor.

Coronel - Jura?

Lisie - Juro.

Coronel - Reconhece-se então como unica culpada pelos acontecimentos da noite de sexta-feira?

Lisie - Sim.

Coronel - Pois muito bem. Em face das acusações do sr. Capitão Fritz Reinholdt e das proprias declarações da acusada, fica deliberado que: O capitão Fritz Reinholdt será transferido para a terceira sede em virtude de negligencia no posto que foi confiado a sua guarda; a enfermeira Margot Dorraine será removida para o campo de concentração da região norte e condenada a trabalhos forçados por co-participação no crime de fuga do prisioneiro Marcel Dierot; e a enfermeira Lisie Dorraine será fuzilada hoje ao cair da tarde por crime de traição e como responsavel pelo assassinato do soldado que estava de guarda na entrada do hospital.

Margot - (num grito de angustia) Não! Não! Ela não tem culpa. Não foi ela, eu juro.

Lisie - Margot, cale-se por favor.

Margot - Não, mil vezes não. Não devem mata-la. Seria um crime monstruoso. Ela está inocente. Fui eu que planejei a fuga de Marcel.

Lisie - É mentira.

Margot - Fui eu, sim, que lhe dei escapula. Só eu tenho culpa de tudo. Combinamos os dois, noites e noites o plano de evasão. Lisie está chamando para ela a responsabilidade de um crime que não cometeu. A culpa é minha, a responsabilidade ~~é minha~~ é minha só.

Lisic - Cale-se Margot. Porque insiste em mentir? Não compreende que é uma tolice? Não vê que nada adiantará com isto que ninguém lhe dará crédito? Não vê que é ainda uma criança, demais para que lhe pudessem atribuir tanta audácia, tanta coragem? Cale-se, não diga mais nada. Você está fora de si, não sabe o que está dizendo.

Margot - Não me calarei. Não quero guardar comigo o remorso de ter sido a causa do assassinato da minha própria irmã. É de assassinato, sim, porque isto é um verdadeiro assassinato. Um miserável assassinato.

Lisic - Cale-se Margot. Se não obedece a sua irmã obedeça a sua superiora.

Coronel - Cale você. Deixe-a falar. Deixe-a contar o que sabe.

Margot - Os senhores estão compreendendo que ela não tem culpa nenhuma, Não é verdade? Os senhores estão compreendendo que ela está querendo salvar a minha vida e os senhores deverão também compreender que eu não poderei suportar a angústia e o desespero de vê-la morrer por um crime que não cometeu. Eu, só fui culpada! Só eu somente! Lisic foi levar a taça de chocolate a capitão Fritz porque realmente estava apaixonada por ele. Há muitos dias que ela lutava contra o desejo de entregar-se a ele. Ela própria me havia confessado. Juro-lhes, senhores juro-lhes pelo que pode haver de mais sagrado que ela está inocente, que fui eu e não ela quem premeditou e realizou tudo isto (chora desesperadamente)

Lisic - Imma (com voz sufocada) Louca! Você está louca, Margot!

Coronel - (apos uma pausa quando os soluços de Margot se acalmam) Responda uma pergunta que lhe vou fazer. Antes, porém, Advirto-lhes que dela dependerá a vida ou a morte de sua irmã. Qual foi o objetivo desta fuga?

Lisic - (rápida) (num meio grito de angústia) Margot!

Coronel - (energico) Cale-le! (pausa) Vamos! responda. Está nas suas mãos a morte ou a vida de sua irmã. (pausa) Qual foi o objetivo desta fuga?

Margot - (com voz sumida) Não sei.

Lisic - (num sussurro) Obrigada, Margot.

Coronel - Insiste em não querer confessar?

Margot - Não posso.

Coronel - Mesmo que isto venha a custar a vida que ha pouco se esforçava por salvar

Margot - Ela faria o mesmo no meu caso por isto estou bem certa de que me perdoará

Coronel - Muito bem. Ao cair de hoje serão ambas fuziladas.

(GONGO)

SPEAKER: Às cinco horas da tarde o dr. Jean Colbert, aproveitando o instante em são feitos os preparativos para o fuzilamento das duas samaritanas, desce a um porão oculto por baixo do laboratório e, em companhia de Claudete, transmite uma mensagem aos amigos mais proximos, numa tentativa desesperada de salvar a vida de Margot e Lisic. Tanto o dr. Colbert como Claudete sentem dentro d'alma aquela angustia profunda que precede as grandes despedidas. (ruído de transmissões telegraficas)

Jean - Tenha cuidado, Claudete.

Claudete - Não tenha receio dr. Eu estou atenta. (mais sinais)

dr. Jean - E eles não me atendem.

Claudete - Que coisa horrivel, meu Deus! Haverá algum defeito no transmissor?

dr. Jean - Nada. Já verifiquei tudo.

Claudete - Porque será que não atendem então? (param os sinais)

dr. Jean - Não sei, Claudete, não sei. Só sei que devo e quero salvar Lisie.
(exaltado) Esses bandidos não hão de mata-la ainda que eu tenha que
correr a pé os vinte quilômetros que nos separam dos nossos. Ainda que
chegue lá com os pés sangrando mas que eles cheguem ainda em tempo
de salva-la.

Claudete- Cuidado, dr. fale baixo. Olhe que assim vai por tudo a perder. Tente mais
uma vez, se eles não atenderem lancemos mão do ultimo recurso, eu irei
ao Coronel pedir que adie o fuzilamento para amanhã de manhã sob o pretext-
to de mandar chamar madame Dorraine para se despedir das filhas. O contra
ataque será durante esta noite e elas estarão salvas.

Dr. Jean-Não adiantará nada, Claudete. Essa gente não tem coração.

Claudete-Não me desanime assim, por Deus, doutor.

Dr. Jean-Como pode dar esperanças a outrem quem não as tem para si mesmo?

Claudete-Não sejamos tão pessimistas, doutor. Enquanto há vida há esperança.

Dr. Jean- Eu não posso compreender porque é que não me atendem.

Claudete- Tente mais uma vez, doutor. Pode ser.

Dr. Jean - Esteja alerta Claudete. Se eles nos descobrissem agora, estaria tudo
irremediavelmente perdido.

Claudete- Não tenha receio, doutor. Eu estou atenta.

Dr. Jean - E reze, Claudete, reze para que nos ouçam. (ruidos de sinais telegraficos)

Claudete-(apos uma pausa em que só se ouvem os sinais) E então doutor?

Dr. Jean-É inutil. Não me atendem.

Claudete- Que coisa horrivel! Pobre Lisie! Pobre Margot! (param os sinais)

Dr. Jean - Mas isso não ficará assim, Claudete. Contarei a verdade. Direi que Lisie
não pode ser responsavel pela morte do guarda porque fui eu que o matei.

Claudete-(admirada e assustada) O sr. dr. Colbert?

Dr. Jean - Eu sim, fui eu que o matei. Sai para proteger Margot sem que ela pro-
o soubesse e quando a vi subjugada por aquele barbaro, quando vi que
ele atirava na direção em que fugira Marcel e que talvez o atingisse, eu
não tive duvidas e disparei a minha arma. Fui eu, sim Claudete. Fui que
o matei e já que não agora salva-las morrerei com elas.

Claudete- O interesse da Patria, Dr. Colbert deve estar acima dos nossos proprios
interesses. Não esqueças que Margot preferiu sacrificar a vida da irmã
a revelar um plano que traria beneficios a patria. Ela é uma ~~menina~~
frágil menina, num momento angustioso como aquele, não teve um lampejo
de indecisão nos seus olhos castanhos. Será possivel que o sr., um homem,
seja capaz de esquecer, pelos seus interesses, o muito que poderá fazer
ainda pela patria? não, não acredito. Eu confio no sr., dr. Colbert.

DR. Jean- Que coisa horrivel, minha Claudete! Como é difícil viver! (ouve-se sinais
telegraficos, porem desta vez muito apagados, como se estivessem sendo
transmitidos de longe para ali onde eles estão)
Claudete! Claudete! Ouça Claudete! São eles! Eles estão chamando!
Estamos salvos Claudete! Estamos salvos!

Claudete- Depressa, dr. Diga-lhes que façam o contra ataque antes das oito horas.
Qualquer atrazo poderá ser fatal. (param os sinais de longe)

Dr. Jean - Lisie, minha querida lisie! Hei de salva-te. (ouvem-se novamente sinais.
Desta vez perto e febricitantes. O mic rofone vai se fechando até
soar o

(GONGO)

SPEAKER: - É um pouco antes das oito horas da noite, no quarto que serve de prisão a Lisie, esta se prepara para o momento supremo.

Padre e Lisie - (rezando juntos) e que na hora suprema, na hora derradeira em que tenhamos de deixar este mundo que nos emprestastes, não nos falte a coragem emanada da tua divina misericórdia. Que possamos sentir sobre a nossa carne dorida o afago balsâmico da tua mão divinal. Que possamos sentir penetrar em nossas almas angustiadas os divinos eflúvios do olhar misericordioso e terno. Que de ti nos venha a coragem necessária para as horas supremas. Amem. ten

Padre - Estás pronta, minha filha.

Lisie - Ouça, padre Jacques, os condenados a morte têm direito a um pedido, não é verdade?

Padre - Assim deveria ser, entretanto...

Lisie - Ouça, padre Jacques, eu desejava que me concedessem esse último pedido. O senhor poderia talvez interceder por mim...

Padre - O que é que tu querias, minha filha? Bem sabes que o que me fosse possível fazer por ti, eu o faria com a melhor boa vontade.

Lisie - Obrigada, padre Jacques. Eu sei. O que eu queria, era ser fuzilada ao mesmo tempo que Margot. Ser colocada ao seu lado para poder dar-lhe a minha mão. Cairíamos juntas. (começa a ouvir-se fora, distante, toques de clarim e os passos de soldados marchando. De vez em quando ouve-se uma voz qualquer de comando.) Parece que é chegada a hora.

Padre - Queres que te acompanhe?

Lisie - Não padre Jacques, não é preciso. Para ^{que} impor-lhe um castigo tão grande? Eu estou serena e resignada. A minha angústia maior é por Margot, creia. Peço-lhe antes que volte a conforta-la e, ainda que não nos permitam, minta-lhe que estaremos juntas e de mão dadas no momento supremo. Isto a deixará mais satisfeita. Deus ha de perdoar-lhe esta mentira.

Padre - Sim filha, eu irei. (Um relógio bate a distancia oito badaladas espaçadas)

(GONGO)

SPEAKER: - E alguns momentos depois, a poucos metros do hospital, Lisie e Margot, impávidas e serenas, afrontavam de cabeças erguidas as carabinas inimigas, que dentro de poucos segundos, fariam escorrer seu sangue quente em holocausto a patria que adoravam.

Uma voz - (a distancia) Pelotão! Sentido! (ouve-se o ronco de um avião que se vem aproximando e quando ele já está bem proximo começa a explosão de bombas. Correria, gritos, e a mesma voz a distancia) Para o quartel, depressa! O inimigo avança. (ouve-se ainda uma tropelia e vozes confusas a distancia) (O bombardeio fica fazendo fundo a todo o dialogo que se segue).

Padre - Para aqui, depressa. Esconda-se as duas aqui.

Margot - Esconder, porque padre Jacques? Nós queremos auxilia-los.

Padre - Neste momento é impossivel. Qualquer dos inimigos que as avistasse procuraria vingar-se desse ataque inesperado que agora já compreendem ter sido obra de vocês. Vamos, depressa, não perca tempo. Lembre-se que estamos com o inimigo dentro de casa.

Lisie - O padre Jacques tem razão, Margot. Por ora é necessario que fiquemos escondidas.

Lisie - Mas não compreendes, Lisie, que Marcel está lá fora e que poderá ser ferido? Eu quero estar ao seu lado.

Lisie - E como poderás encontra-lo dentro da confusão que certamente deve reinar por lá? Não ves que é uma tolice? Não compreendes que te matarão antes que o tenhas encontrado?

Padre - Não seja criança, Margot. Você que tem demonstrado tanto valor em situações piores do que esta não pode de forma alguma falhar quando tudo se encaminha para a salvação. (passos precipitados que se aproximam) Depressa. Aí vem gente. Escondam-se. Pode ser o inimigo. (ruído das duas que se afastam ligeiro)

Capitão - (agitadíssimo) O senhor aqui?

Padre - (calmo) Sim eu. Porque?

Capitão - O que faz junto a porta de entrada?

Padre - Substituo o porteiro, já que todos nos abandonaram.

Capitão - O seu lugar não é aqui.

Padre - (sempre calmo) O seu é que não é aqui.

Capitão - Deixe-me passar, tenho pressa.

Padre - Não é possível.

Capitão - (gritando) Deixe-me passar, já disse.

Padre - O sr. não passará. (ouve-se um tiro, o gemido do padre, os gritos afastados das duas, uma porta que se abre rapidamente e uns passos que fogem a disparada. Todos estes ruídos devem ~~existir~~ ser quase ao mesmo tempo)

Margot - (chegando depressa, com voz angustia) ^{de} Padre Jaques! padre Jacques! O sr. não pode morrer, meu amigo.

Lisie - Por favor, fale. Quero ouvir a sua voz. Quero ter certeza de que ainda vive.

Padre - (com muita dificuldade) Não é nada... não se assustem... não há de ser nada.... Lisie...

Lisie - Pronto padre Jacques, fale.

Padre - Vá chamar depressa o dr. Colbert. Ele está no porão... por baixo do laboratório. Bata duas vezes... em cada lado da porta. É o meu sinal... Ele virá logo atende-la. Deve estar lá ...transmitindo mensagens... Vá vá depressa...

Lisie - Sim padre Jacques eu vou já. Mandarei alguém, Margot para que te ajude a leva-lo para a cama. (passos precipitados que se afastam). (o ruído do combate segue sempre a distancia.)

(GONGO)

SPEAKER: -E um momento depois no laboratório do hospital... (quatro batidas, de duas em duas. Pausa. Mais quatro batidas. Ruído de passos abafados. Ruído de uma porta que se abre e em seguida se fechando precipitadamente)

Dr. Jean- Lisie!...Lisie!... Será mesmo verdade o que estou vendo? Lisie! Salva! Oh meu Deus! Não será uma alucinação? Será mesmo verdade que és tu que estás aqui? Deixa que te toque! Deixa que te abrace. Quero ter a certeza de que és tu! Lisie!... É ela! Sim é ela! Lisie! (soluços) Salva Lisie! A minha querida Lisie!...

Lisie - (quasi sem voz) Jean! Sou eu, sim. Ainda ~~um~~ que te pareça um sonho 'é a tua Lisie que vês aqui.

Jean - Abraça-me, querida. Continua falando para que eu tenha a certeza de que não estou sonhando. Eles custaram tanto a vir que eu já não acreditava mais possível que chegassem a tempo! Oh Lisie! Minha Lisie! Se soubesses o que sofri até este instante! Pensei que tivesses morrido e finalmente tu me apareces trazendo-me um novo alento e uma nova esperança. E Margot? Foi salva também?

Lisie - Graças ao nosso bom Deus. Está salva sim.

Jean - Ouvi um tiro. Tive um ~~extrem~~ estremecimento pelo corpo todo e os meus olhos viram estendida nas lages do pateo, banhado em sangue.

Lisie - É por causa desse tiro que estou aqui, Jean. O padre Jacques está ferido e me pediu para que viesse depressa chama-lo. Pobre do padre Jaques! Se pudéssemos salva-lo, Jean. (chorando) Tão bom. Tão nosso amigo!

Jean - Não chore, Lisie. Havemos de salva-lo, sim. Onde está ele?

Lisie - Foi ferido na portaria do hospital quando se opunha a deixar passar o capitão Fritz que queria fugir, mas acredito que Margot e Claudete já o devem ter levado para o seu quarto.

Jean - Pois então vamos lá, imediatamente. (passos precipitados) (para o ruído de combate)

(GONGO)

SPEAKER:-O ferimento do padre Jaques foi mais grave do ele supunha que fosse, e o pobre sacerdote sente a vida aos poucos lhe faltando. Uma expressão de grande felicidade iunda-lhe os olhos brilhantes de febre. É que ele, ao menos, teve a suprema ventura de ver chegarem os seus patricios e expulsarem daquela casa que ele amava como se fosse a sua própria casa, os invasores bárbaros e cruéis. Tornara a ver Marcel que comandara o ataque e que agora se apresentava para continuar a perseguição do inimigo em fuga, desordenada. Margot queria por força segui-lo e ele, antes que a luz se apagasse para sempre dos seus lábios se negassem a ~~desobedecer~~ o pensamento, pronunciaria, do seu leito de morte, as palavras que em nome de Deus os uniria para sempre, tornando-os marido e mulher. Lá fora, a poeira de prata do luar ilumina as árvores do imenso parque do hospital, destacando-as dentro da noite fria. Quatro horas da manhã!

Padre - Marcel...Dierot...Jurais receber como esposa...a Margot Dorraine...aqui presente...por vossa livre...e espontanea vontade...assim como manda...a nossa santa Igreja?

Marcel - Sim.

Padre - Margot...Dorraine...Jurais receber...como esposo...a Marcel Dierot...aqui presente...por vossa livre e espontanea vontade...assim como manda...a nossa Santa Igreja?

Margot - Sim.

Padre - Em nome de Deus...os declaro...casados...(pausa, respiração ofegante do padre Jaques,)

Lisie - (abraçando Margot)Minha querida Margot, que a benção deste santo homem te acompanhe sempre.

Margot - Obrigada Lisie.

Lisie - E você marcel, cuide bem dela.

Marcel - Não tenha cuidado, Lisie. Hã de zelar bem pela minha mulhersinha.

Dr.Jean- Margot e Marcel: que vocês tenham toda a felicidade que merecem. O vosso nome ficará sempre conosco, gravado nos nossos corações, como exemplo inapagáveis de bravura e de coragem.

Ambos - Muito obrigado, Dr. Colbert.

Antoinete- Eu falo em nome de todas nós, Margot: das Samaritanas que conviveram aqui contigo e que de ti receberam uma lição maravilhosa de destemor e patriotismo. Rezaremos por vocês para que sejam felizes.

Ambos - Muito obrigado, Antoinete. Muito obrigado a todas.

Marcel -E agora vamos, meu amor que o tempo passa e o automovel já está lá fora a nossa espera.

Margot - Um momento, querido. Deixe-me beijar as mãos do padre Jaques. (pausa) (ruído de beijo) Paga a Deus que nos abençoe padre Jaques.

Padre - (já sem voz) A bênção de Deus... seja convosco.

Margot - Amen. (pausa) Agora podemos ir. (passos rápidos que se afastam, até perderem na distância)

Lisie - Bem... eles já foram, felizes... Voltamos aos que ficaram sofrendo. (pausa) Como está, padre Jaques? melhor? Doe muito a ferida? (pausa. silêncio)

Jean - Parece que já não ouve. (ruído de automóvel lá fora, que se vai afastando até desaparecer)

Antoinete - E se lhe fizessemos mais uma injeção?

Jean - Seria prolongar o sofrimento inutilmente.

Antoinete - Coitado! Quanto nos confortou nos momentos difíceis! Quando estive presa não deixou de me visitar um único dia. Um dia me deram uma surra, porque mordi a mão de um oficial que me pretendia fazer uma carícia e foi ele que curou os ferimentos que o couro do chicote me procoziu. Eu queria que ele ainda me pudesse ver, que ainda me pudesse ouvir, para eu dizer uma vez mais o quanto lhe sou grata. Creio que não o disse suficientemente.

Lisie - Ele deve ter lido no seu coração, Antoinete. Esses olhos que começam a ficar embaciados e parecem não ver mais nada, enxergam a alma da gente! (Ouve-se muito ao longe os tambores e cornetas. É a parada das forças que retomaram a aldeia. O ruído vem muito lentamente se aproximando até parecer passar na frente do hospital. Persiste alguns instantes quasi forte para depois se afastar novamente e servir de fundo, muito ao longe, as palavras que o dr. Colbert pronunciará no fim.)

Claudete - Ouçam! Há qualquer ruído estranho.

Antoinete - O que será, meu Deus?

Lisie - Que novas surpresas nos estarão reservadas?

Jean - Não é nada. Não se assustem., é o grosso das forças dos nossos amigos que entram triunfalmente na vila que os inimigos foram obrigados a abandonar pela vanguarda comandada por Marcel. Se o padre Jaques ainda os pudesse ouvir, que alegria havia de ter! Padre Jaques! Padre Jaques! Ouça padre Jaques! São eles, os nossos amigos. Os nossos soldados que chegam para tomar conta de mais um pedaço do solo da pátria que o inimigo havia roubado. E assim havemos de retoma-los todos. Havemos de sacudir o grilhão que nos humilha e nos esmaga. O valor de um ~~povo~~ povo, embora oprimido não morre nunca! O sentimento de um povo patriota não se extingue jamais. Não é o chicote, não é o tacão ~~da~~ da bota, não é a baioneta assassina nem os enforcamentos nefandos que farão desaparecer o heroísmo de uma raça! Há de resurgir um dia, deste mar de sangue derramado pelos nossos mártires, uma pátria maior, mais forte e mais unida. A seiva quente que empapou a terra esburacada pelos abusos, dará mais força a árvore maravilhosa d'apaz que ha de crescer e espargir sobre nós a sua sombra amiga! A paz benéfica! A paz maravilhosa! A paz incomparável de que todos necessitamos para que os nossos esforços possam ser empregados na lavoura, na indústria, na educação e na cultura dos povos ao tempo que as energias são gastas na tarefa de inventar a maquinaria assassina que desgraça e oprime aqueles que jamais acreditaram no desmedido egoísmo e na ferocidade revoltante de semelhantes seus!

Padre Jaques, o senhor já não nos ouve mais, mas aqui estão comigo as Samaritanas heroicas e incomparáveis, abnegadas e decididas a quem o senhor tantas vezes confortou com a sua fé e sua bondade. Nós havemos de ver o dia em que, como esta madrugada que desponta, a pátria resurgir outra vez! E havemos de nos lembrar do sr., o senhor estará aqui conosco no dia em que pudemos gritar, com todas as forças dos nossos pulmões! Vitória! Vitória! Vitória!...

(Característica forte para o fim do programa)

3^o capítulo

orações em vigília

Belm